

# Etnobiologia em Contos e Versos registros de uma atividade didática



Eraldo Medeiros Costa Neto & Ligia Silveira Funch  
Organizadores



**ETNOBIOLOGIA EM CONTOS E VERSOS:  
REGISTROS DE UMA ATIVIDADE DIDÁTICA**



Eraldo Medeiros Costa Neto  
Ligia Silveira Funch  
Organizadores

# **Etnobiologia em contos e versos:** registros de uma atividade didática



Feira de Santana - Bahia

2023

Copyright © 2023 by Eraldo Medeiros Costa Neto e Ligia Silveira Funch (Organizadores)

Projeto gráfico: *Editora Zarte*  
Editoração eletrônica: *Editora Zarte*  
Capa: *Paulo Sérgio Neves dos Santos*  
Revisão textual: *Os Organizadores*

### **Conselho Editorial**

Claudio André Souza  
Maria de Lourdes Novaes Scheffler  
Mariana Fagundes de Oliveira  
Maria Victória Espíneira González  
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

---

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

E85 Etnobiologia em contos e versos [recurso eletrônico] : registros de uma atividade didática / Eraldo Medeiros Costa Neto, Ligia Silveira Funch, organizadores. – Feira de Santana : Editora Zarte, 2023.  
48 p. : il.

E-book.  
Formato: PDF.  
ISBN 978-65-88707-58-6

1. Etnobiologia. 2. Etnobotânica. 3. Ecologia. 4. Literatura brasileira.  
I. Costa Neto, Eraldo Medeiros. II. Funch, Ligia Silveira.

CDU 574/578

---

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790



Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Zarte  
Rua Nacional nº 300 A, Parque Ipê  
44054-064 — Feira de Santana, BA  
Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp  
E-mail: zartegraf@gmail.com

## SUMÁRIO

- Prefácio** 7
- Véu de flores, mentes e significados** 9  
*Náildes Correia Soares*
- A harmonia das plantas** 11  
*Vigny Santos da Silva*
- A serpente da garrafa** 12  
*Bruna Andrade Santos*
- Mariana e o criar do mar** 13  
*Cássia Gabriel Simas*
- Dona Panc e as PANCS** 15  
*Ingrid Paz de Andrade Arrais*
- A fé de dona Maria** 17  
*Paulo Sérgio Neves dos Santos*
- Sustento da vida** 18  
*Elaine Lima de Jesus*
- Meu amigo de fé** 19  
*Rianne Paim Evangelista de Andrade*
- Conhecer e saber** 21  
*Radija da Silva Santos*
- Semear para colher, colher para viver** 23  
*Alexsandro Bezerra-Silva*
- O pescador e o polvo** 24  
*Marcelo de Carvalho Júnior*

- Setes trombetas** 25  
*Leomar da Silva de Lima*
- A força e a resiliência da mulher no sertão** 26  
*Eduardo Santos Silva*
- A Comunidade de marisqueiras** 27  
*Ariane Souza Santos*
- Quanto vale a flor?** 28  
*Adelly Cardoso de Araujo Fagundes*
- Diversidade de um momento** 29  
*Roberta Ramos Maia*
- Minha terra** 30  
*Marilane da Luz Silva*
- Palmas no sertão** 32  
*Leilane Velasques Tavares*
- O jardim das Margaridas tristes** 33  
*Bruno Moreira de Souza*
- O caranguejo no céu** 37  
*Flávio Barboza Sobreira*
- O homem e o boi** 38  
*Washington Cerqueira Dias*
- Lendas da raiz-formosa** 40  
*Maria Thereza Dantas Gomes*
- Marisqueira** 42  
*Monyque da Silva Costa*
- O canto das fiandeiras** 43  
*Karla Janaina dos Santos Vitória*
- João e o galo Vermelhinho** 44  
*Ericca Maria Teles Lôbo Evangelista*

## PREFÁCIO

Os textos aqui reunidos versam sobre conexões humanas com serpente, mico, polvo, caranguejo, boi, galo, coqueiro, palmas, carnaúba e plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Mar, campo e sertão são territórios onde saberes e fazeres de mulheres e homens são descritos. A partir de memórias e observações em seus lugares de vivências e pesquisas, as escritoras e escritores, estimulados a olhar para as diversidades, nos brindam com narrativas lúdicas, convidando-nos a um olhar sensível para diversas relações entre seres.

Escritos em diferentes gêneros literários, constituem-se em uma oportunidade de apontar um caminho de produção fora das normas e recomendações de redação acadêmica. Esta liberdade permite-nos avançar para além da linearidade cognitiva, garantindo o protagonismo para os saberes e fazeres de diferentes sujeitos. Uma permissão que vem sendo consentida em alguns poucos espaços acadêmicos. Dentre estes, a Etnobiologia que, interdisciplinarmente, constrói conhecimento científico sobre os seres vivos em suas relações.

Apresentar esta produção literária, construída durante as aulas da unidade curricular Etnobiologia para discentes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas e da disciplina Etnobotânica do Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana, já é, em si, uma revigorante oportunidade de contribuir para a construção da decolonialidade acadêmica que almejamos e precisamos. Além disso, refletir/sentir as infinitas formas de conexão entre humanos e “não-humanos” nos mais diversos contextos socioambientais, possibilita-nos romper com o colonialismo erosivo que nos assolou até a contemporaneidade.

Que esta leitura lhe inspire a agir no mundo a partir de ‘parecenças’ que unem todos os seres nesse todo do qual ainda não temos plena consciência!

*Claudia Nunes-Santos*  
Universidade Federal de Sergipe



*Ipomoea*

## VÉU DE FLORES, MENTES E SIGNIFICADOS

*Naildes Correia Soares*

Pós-graduação em Ecologia e Evolução (mestrado)

Simples, singelas, complexas, coloridas, exuberantes, as flores representam um verdadeiro elo entre os mundos material e imaterial, decodificadas na força do pensamento. Energizantes, são capazes de atrair energia positiva, ao mesmo tempo em que dissipam fluidos negativos do ambiente.

Uma coroa de flores na cabeça ecoa a paz, pois seu significado se traduz em pureza e conexão entre natureza e o mundo ancestral. Uma verdadeira sintonia de significados. Seus usos reluzem a conexão com o EU interior e o estado de espírito. Isso porque nos permite viajar em dimensões outras à medida que criam pontes entre o corpo e a mente, libertando-nos das correntes que nos impedem de evoluir enquanto seres humanos/seres de luz.

Não importam as múltiplas cores e morfologias dos arranjos florais, ou mesmo seus atributos culturais, são “elas”, as flores, a força que movimenta a vida e a morte, o corpo e o pensamento, e transforma o vazio e o *status* de escravo de muitas circunstâncias adversas que experienciamos em momentos de leveza. Pois as flores representam mudanças, estágios de transformação que podem ser equiparados com os estágios de mudanças que o homem passa durante sua evolução. Sua presença como tiara de flores só nos mostra o quão grandes são sua influência e magnetismo. Dessa forma, preparando-nos para aprender a lidar com situações plurais. Logo, tornando-nos senhores da situação.

O domínio e a natureza das flores são perfumes que trazem calma para as tempestades. Calma para mentes e espíritos. Por fim, virtudes energéticas que conseguem proporcionar afáveis emoções.

Fortes, delicadas, coloridas, resistentes não importam suas características. Elas são elementos-chave de grande sintonia e fusão entre

corpo e alma, entre o agir, o pensar e a espiritualidade. Sua representatividade forma uma áurea de cores e proteção. Como espelhos, refletem o poder da mente e toda a manifestação do nosso EU individual, coletivo e espiritual. Um verdadeiro mosaico de magias e perfumes que se fundem na matéria e conseguem transformar energias em prol do bem-estar pessoal e coletivo. Porque são aromas que nos permitem sentir o ambiente, mudar atitudes e fomentar transformações à nossa volta. Há quem diga: “O perfume das flores fica sempre um pouco nas mãos de quem as oferecem”.

Flores em nossos jardins mentais são como cosmos de aprendizagens e crescimento. Dessa forma, são presentes dos deuses que condicionam a forma de pensar e de agir. É a essência mais sublime e pura que consegue regenerar os pensamentos e mostrar o caminho para novas possibilidades se as flores forem incorporadas no nosso dia-a-dia. O perfume das flores consegue perpassar o mundo material e adentrar o mais íntimo do nosso ser. Sua magia ultrapassa tempo e espaço, e a sutileza e simbologia que possuem revelam grandes representações entre a vida e a morte.

## A HARMONIA DAS PLANTAS

*Vigny Santos da Silva*

Pós-graduação em Botânica (mestrado)

Se você for sabido  
Você irá encontrar  
Todos os cinco sentidos  
Na botânica vai estar

Te atarem as belas cores  
E os aromas te fascinarão  
Divino são os sabores  
Que despertam emoção

Uma bela canção  
Você poderá escutar  
As folhas sem pretensão  
Uma sinfonia tocar

Utilize suas mãos  
Se quiser sentir  
A diversidade de texturas  
Que as plantas podem emitir

Todos os sentidos  
Despertam em esplendor  
Os nossos motivos  
De cultivar o amor

## A SERPENTE DA GARRAFA

*Bruna Andrade Santos*

Bacharelada em Ciências Biológicas

Alguns dizem que Deus não existe. Outros até citam um rival e prendem o mesmo em uma garrafa, agora em formato de serpente, tal como em Adão e Éva. Aquela que ofereceu a maçã, o pecado. Aquela que levou o futuro da humanidade à deriva; essa mesma, agora falecida, embebida em um de seus prazeres a fim de satisfazer os dizeres de quem quiser. Será que mesmo morta apresenta risco?

Há quem diga que o álcool vira antídoto. Apresentava menos risco viva, mas quem iria saber que não era nem sequer uma serpente, nem uma mulher, e sim um reflexo tão desconexo do que foi e do que será?

Tudo que não for viril, ele tornará. Fora o milagre que é feito para deliciar um belo vinho de cobra, esperando de pé, já que não existe mais dor para quem está distante.

## MARIANA E O CRIAR DO MAR

*Cássia Gabriel Simas*

Bacharelada em Ciências Biológicas

Mariana não conseguia se escutar.  
Em um dia tudo aconteceu.  
Passeando pela praia, um fruto do mar apareceu.  
Ela lembrou da infância e de como sua avó  
lhe convencera que morar perto do mar é uma  
beleza, mas tem suas proezas.

Mariana então pensou: Mas como?  
Só consigo ver pureza e sentir sutileza.  
Andando mais um pouco, na superfície observou.  
Era uma concha do mar exalando fortaleza,  
e logo se perguntou: Qual o segredo para viver com tanta destreza?

Sentou na areia.  
A granulometria do mar entrava por entre seus dedos dos pés,  
os quais, molhados, pareciam enamorados.  
Assim a sua atenção do mundo real se perdeu.  
E em um leque de criatividade  
Mariana se mexeu, exalando dela a força criadora  
que a natureza lhe concedeu.

A força criativa de Mariana, estagnada,  
sedenta pelo novo, despertou-a.  
Assim como os animais do mar  
que criavam as suas conchas para proteção.  
Ela queria criar, simplesmente criar, sem motivo criar, mas criar.

Sentir a criatividade saltando do seu corpo,  
deixando as proezas da vida distante e sentindo o criar.

E assim, com respeito e simplicidade,  
abordou algumas conchas não habitadas e exuberantes,  
e em um fluxo criador, sem se preocupar com a qualidade ou  
diversidade da criação, um monumento CRIOU.

Naquele dia, Mariana descobriu que o ato de se ouvir  
ou de se encontrar vai além de apenas pensar.

O criar da sua forma, ao seu modo,  
poderia ser uma das formas de morar perto do mar  
e não naufragar.

## DONA PANC E AS PANCS

*Ingrid Paz de Andrade Arrais*  
Bacharelada em Ciências Biológicas

Era uma vez uma sábia senhora chamada Panc, que vivia em uma pequena aldeia cercada por uma densa mata no interior da Bahia. Ela era conhecida como a curandeira local, pois sabia como utilizar as plantas da floresta para curar uma grande variedade de enfermidades, além de conhecer muitos preparos para essas plantas. Dona Panc aprendera tudo o que sabia com sua avó, que, por sua vez, havia aprendido com sua própria avó. Era um conhecimento que vinha sendo passado de geração a geração, e dona Panc era agora a guardiã desse tesouro.

Ela possuía um caderno especial, onde desenhava e descrevia cada planta e seus respectivos usos medicinais e culinários. Seu conhecimento sobre ervas e plantas era tão vasto que a tornava uma autoridade em toda a região.

As pessoas vinham até ela para tratar desde simples resfriados até doenças mais graves. Dona Panc era uma pessoa simples e humilde, mas seus conhecimentos eram inestimáveis. Certo dia, um jovem pesquisador chamado Cauã chegou à aldeia em busca de novas informações sobre plantas medicinais. Cauã havia estudado nas melhores escolas e era formado em Biologia. Ele estava fazendo seu mestrado sobre plantas alimentícias não convencionais, mas ainda não possuía a sabedoria de dona Panc sobre as plantas locais.

Ao se deparar com a curandeira, Cauã logo percebeu que ela tinha um vasto conhecimento que ele nunca havia visto em nenhum livro. Ele ficou fascinado com as informações que dona Panc tinha sobre cada planta e seus usos medicinais e culinários. E, para surpresa do pesquisador, dona Panc já conhecia muitas das plantas alimentícias não convencionais que ele havia estudado. Cauã, curioso, perguntou como ela tinha obtido todo esse conhecimento e ela lhe respondeu com um sorriso:

— A sabedoria das plantas vem de geração a geração, meu filho. Meus antepassados já conheciam essas plantas e me ensinaram seus usos medicinais e culinários. O conhecimento sobre as plantas não está apenas nos livros; está também na tradição falada e na vivência das pessoas.

Impressionado com o conhecimento da curandeira, pediu para que ela o ajudasse a encontrar uma planta específica que ele estava procurando há anos. Dona Panc, sem hesitar, conduziu-o pela floresta até encontrar a planta que ele procurava. Durante a caminhada, dona Panc explicou ao jovem pesquisador como a floresta é um tesouro de conhecimentos e ensinamentos. Ela ressaltou a importância de manter esses saberes vivos, pois são eles que nos permitem entender melhor o mundo e a natureza que nos cercam.

Cauã ficou profundamente tocado pela sabedoria de dona Panc e prometeu levar adiante o que havia aprendido. Ele percebeu que a curandeira era um verdadeiro tesouro vivo, um verdadeiro patrimônio cultural de sua região.

Ao se despedir da curandeira, Cauã prometeu voltar em breve para visitá-la e aprender mais sobre as plantas da floresta e seus usos medicinais. Dona Panc sorriu e abençoou o pesquisador, desejando que ele leve adiante os ensinamentos que ela lhe havia transmitido e lhe dando seu caderno especial de anotações. Ela sabia que a tradição de seus antepassados era valiosa e que precisava ser passada adiante, para que futuras gerações continuassem a se beneficiar dos antigos ensinamentos, mantendo-se viva a sabedoria ancestral sobre as plantas medicinais da floresta.

## A FÉ DE DONA MARIA

*Paulo Sérgio Neves dos Santos*  
Pós-graduação em Botânica (doutorado)

Dona Maria sempre foi uma mulher muito religiosa, mas nunca gostou de ir para a igreja. Ela não gostava dos irmãos e irmãs de igreja que iam todo domingo para o culto, mas ao longo da semana não praticavam o que o padre ensinou ou faziam o que condenavam nos outros. Por isso, dona Maria montou um altar em casa, colocou imagens e estatuetas dos santos que seguia fervorosamente.

Todos os dias de manhã ela se ajoelhava para rezar, agradecendo por mais um dia de vida e pedindo pelo sustento para o novo dia. Nessa mesma fé, sempre que adoecia, dona Maria buscava na natureza as plantas que aprendeu com sua mãe e avó, se ajoelhava perante os santos e pedia que eles intervissem por meio daquelas plantas, curando suas enfermidades.

Dona Maria nunca tinha certeza se foram as plantas ou os santos que a curavam, mas sabia que enquanto tivesse fé, o auxílio divino viria.

Apesar de viver sozinha e um tanto distante das pessoas, os vizinhos conheciam a sabedoria de dona Maria e buscavam sua ajuda. Mas dona Maria, que não gostava de cobrar pelas rezas, sempre dizia: “Os santos que fazem. Eu só peço a eles”. Todos aqueles que conseguiam a ajuda para seus males espalhavam sobre como as plantas, a fé e a reza de dona Maria eram capazes de curar tudo!

## SUSTENTO DA VIDA

*Elaine Lima de Jesus*

Pós-graduação em Botânica (mestrado)

O ciclo da semente se entrelaça ao ciclo da vida, ao ciclo que planta, nasce, cresce, produz, se colhe e se guarda. Guarda para alimento, sustento, troca e assim o reinício do ciclo no qual alguns acreditam que não retornará igual, mas é através da essência de quem se é que se planta o início do novo ciclo que será colhido.

Onde o pequeno gera o forte e a cada retorno a terra irá se tornar mais resistente e adaptável. Adaptável ao tempo, à falta de chuva, ao relento, tornando-se cada vez melhor e, através da tradição das mãos artesanais, a sabedoria, assim como o alimento, se divide, se guarda, multiplica do ancião para o juvenil.

Os frutos ficam, mesmo que as raízes se vão, porém o que se pode plantar nem sempre se colhe e, dentre as lendas, farturas, multiplicação e cores, esperamos os mesmos sabores. O que mata a fome e oferece sono, traz consigo ao tocar no chão a história ancestral.

Aquele que plantar sorrindo pode colher poucos grãos. A tradição de se plantar traz consigo a história, a lembrança da semente que será passada; tradição contínua de plantação, das sementes crioulas, símbolo de uma nação.

Do Nordeste ator principal, o qual é a boneca, o alimento, a reza, a festa, a fartura, o símbolo da América.

## MEU AMIGO DE FÉ

*Rianne Paim Evangelista de Andrade*  
Bacharelanda em Ciências Biológicas

Muitas pessoas têm seus melhores amigos.  
O Pedro tem o Gustavo  
O Jackson tem o Guilherme  
O Cleison tem o Wilson  
E eu tenho o Dieguinho, o mico

Foi em uma manhã de setembro  
Quando ele me olhou com aqueles olhos meigos  
E eu logo entendi  
Que ele precisava da minha ajuda,  
Queria algo para comer

Então eu corri até a cozinha  
E lhe entreguei uma banana.  
Desde então, ele não saía mais de minha janela.  
Toda manhã Dieguinho me olhava  
Com aquela cara pedinte

E se passaram dias  
E Dieguinho e eu andávamos todo o tempo juntos.  
Íamos no mercado  
E até brincávamos nas árvores.  
Éramos inseparáveis,  
Como unha e carne

Parecia coisa do destino  
O meu sorriso com Dieguinho

Relembra o comercial da Colgate.  
Eu estaria com meu fiel amigo  
De mãos dadas  
Até o fim.

## CONHECER E SABER

*Radija da Silva Santos*  
Licencianda em Ciências Biológicas

Seu João e dona Maria são nascidos e criados no interior de uma cidade do semiárido baiano, onde todos os habitantes se conhecem. Sabem seus nomes, suas histórias, suas famílias e, principalmente, seus costumes, crenças e dialetos, pois todos foram criados e educados por pessoas criadas e educadas com os mesmos costumes, crenças e dialetos.

O conhecimento tradicional sempre foi algo muito valorizado pelo casal. Embora dona Maria nunca tenha decorado os termos utilizados pelos educadores e profissionais que têm como base os saberes técnico-científicos, ela, desde muito pequena, aprendera com sua mãe a diferença entre uma mariposa e uma borboleta. Sabe que são muito parecidas, portanto, pertencem ao mesmo grupo de insetos (Ordem Lepidoptera), mas possuem diferenças em sua morfologia que as fazem ser distinguidas uma da outra. Dona Maria aprendera que a principal diferença está na posição das asas quando esses insetos estão pousados. As mariposas quase sempre deixam suas asas abertas, diferente das borboletas, que as mantêm elevadas. Sabe também que a maioria das mariposas (ou bruxas, como costuma chamar) possui o hábito de voar durante à noite, enquanto as borboletas eram vistas em grandes quantidades durante o dia.

Quando seu João a conheceu, o que o fez se encantar por ela foi justamente a forma como dona Maria observava tudo ao seu redor, desde insetos a mamíferos e até as condições do tempo, isto é, ler os sinais da natureza. Estes saberes muito contribuíam para a economia das famílias locais.

Quando se conheceram, muitas vezes seu João presenteava dona Maria com seus desenhos de insetos, flores e pássaros (ele gostava de desenhar, prática que mantém até hoje), retribuídos por ela com explicações

sobre a morfologia e o comportamento de cada inseto, baseado em suas observações.

Ele se apaixonou pela área, tanto quanto pelo conhecimento que lhe foi concedido de forma tardia, mas bem aproveitada. Foi a partir dessa paixão que eles decidiram fundar uma sala de conhecimentos em uma parte de sua própria casa, não apenas sobre insetos, mas também de diversas formas de aproveitar e conservar a natureza.

A sala de conhecimentos serve como uma espécie de museu de história natural para crianças e adultos moradores da região e visitantes, que têm acesso às informações tradicionais de cunho etnocientífico, que possuem suas bases conceituais semelhantes ao conhecimento técnico-científico, mas carregadas de diversas ferramentas históricas e culturais, que perpassam gerações e fazem parte de um entendimento mais amplo da vida do lugar.

## SEMEAR PARA COLHER, COLHER PARA VIVER

*Alexsandro Bezerra-Silva*  
Pós-graduação em Botânica (doutorado)

As sementes levam a vida a brotar,  
No seu interior a promessa de frutificar.  
Com amor na terra plantamos,  
Para nascer os sonhos que almejamos.

As sementes são promessas de renovação,  
Sendo um ciclo infinito de reprodução.  
Sementes são tesouros em miniatura,  
Pois guardam em si a essência da criatura.

Pequenas e poderosas são elas,  
Pois dão origem a grandes árvores que avistamos das janelas.  
Das sementes nasce a vida em seu esplendor,  
Um verdadeiro presente da natureza com amor.

Cultivar sementes é uma arte de conexão,  
Com a terra, com a vida e com a emoção.  
No solo fértil, plantamos sonhos e desejos,  
Assim colhemos a fartura, a recompensa associada aos nossos anseios.

Plantar para colher, colher para comer,  
É um ciclo sagrado de renascer.  
Com gratidão no coração, seguimos em frente,  
Semeando a vida e nutrindo sempre o presente.

## O PESCADOR E O POLVO

*Marcelo de Carvalho Júnior*  
Bacharelado em Ciências Biológicas

Certa vez, um pescador se encontrou com um polvo na praia e viu que ele estava utilizando conchas para se proteger de outros predadores e então perguntou ao polvo:

— De onde você tira essas ideias?

Ao que o polvo respondeu:

— Eu observo o ambiente e absorvo o melhor tanto de meus predadores quanto de minhas presas.

Então, o homem pegou o polvo, matou e o comeu, achando que assim poderia absorver a inteligência do molusco.

## SETES TROMBETAS

*Leomar da Silva de Lima*

Pós-graduação em Botânica (doutorado)

Já ouço as sete trombetas, tocaram as trombetas em minha mente.  
A primeira trombeta deixou claro tudo aquilo que há pouco não  
estava evidente.

Já ouço as sete trombetas, tocaram as trombetas em minha mente.  
A segunda trombeta trouxe de volta o que estava ausente.

Já ouço as sete trombetas, tocaram as trombetas em minha mente.  
A terceira trombeta levou o passado e apontou para o presente.

Já ouço as sete trombetas, tocaram as trombetas em minha mente.  
A quarta trombeta curou todas as feridas latentes.

Já ouço as sete trombetas, tocaram as trombetas em minha mente.  
A quinta trombeta julgou todos os erros e acertos recorrentes.

Já ouço as sete trombetas, tocaram as trombetas em minha mente.  
A sexta trombeta acolheu-me sorridente.

Já ouço as sete trombetas, tocaram as trombetas em minha mente.  
A sétima trombeta sussurra, sussurra suavemente:

“Abra a porta!”

E agora, cá estou novamente,

Não ouço mais as trombetas tocarem em minha mente!

## A FORÇA E A RESILIÊNCIA DA MULHER NO SERTÃO

*Eduardo Santos Silva*

Licenciando em Ciências Biológicas

Maria da Conceição é mãe de quatro filhos: José, Miguel, Tainá e Kananda. Moradora do interior da Bahia, viúva, ela sustenta a família com a renda parcial da produção de artesanatos feitos com as palhas da carnaúba (*Copernicia prunifera*), também chamada de carnaíba, uma palmeira da família *Arecaceae* que é endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil.

A família de Maria da Conceição também faz os mais distintos usos da planta em seu dia a dia, utilizando as raízes de forma medicinal como eficiente diurético e antivenéreo; usam os frutos, ricos em nutrientes, como ração para o gado e outros animais; utilizam a madeira para construções de casas, barracas e outras finalidades; fazem extração de cera (cera de carnaúba), fornecendo ao mercado um insumo valioso que entra na composição de diversos produtos industriais, tais como cosméticos, cápsulas de remédios, componentes eletrônicos, produtos alimentícios, ceras polidoras, revestimentos e produtos como lubrificantes.

Devido à grande versatilidade e possibilidade de sustento, a carnaubeira é chamada pelos locais de “A árvore da vida”. No entanto, a renda obtida de todos esses processos apenas é suficiente para subsistência da família de dona Maria da Conceição, devido ao baixo valor de mercado atribuído aos produtores primários, dos quais são exigidos muito trabalho e esforço para pouca compensação; contudo, é uma família feliz e hospitaleira, assim como a maioria dos interioranos do Nordeste.

## A COMUNIDADE DE MARISQUEIRAS

*Ariane Souza Santos*

Licencianda em Ciências Biológicas

Próximo da maré vive uma comunidade bem simples, onde a maioria tira seu sustento dos mariscos. Todos os dias muitos moradores deixam suas casas antes do amanhecer, carregando sacos, baldes e peneiras.

Normalmente, os adultos vão mariscar e os filhos mais velhos ficam esperando que seus pais voltarem para ajudar na catação dos mariscos, separando as cascas da carne.

Quando vão ao manguezal de barco, sempre se dividem em grupos, porque nem todos possuem embarcações. Há sempre muita solidariedade entre eles. Quando chegam ao local da coleta, às vezes têm sorte de haver muitos mariscos; outras vezes, não.

O trabalho não é pesado, mas só um pouco cansativo, ainda mais porque ficam na atividade até o momento de a maré subir. Por mais que os habitantes locais estejam cansados, todos realizam sua profissão com entusiasmo, porque além de gostarem de trabalhar com mariscos, de estar em contato com o mar, eles experimentam uma sensação agradável de tranquilidade ao ouvir o barulho dos pássaros, das águas e do vento. Trata-se também de um meio de sustento, que embora não seja muito rentável, o pouco que obtêm com o comércio do produto mariscado ajuda a manter suas famílias.

Quando chegam da mariscagem, os adultos descem dos barcos com os baldes e sacos mais pesados e os filhos vêm ajudar a carregar os mais leves. Depois, eles fervem os mariscos para assim facilitar a quebra (catação) e separar a porção que será vendida a veranistas, atravessadores e na feira local, e a porção que servirá para se alimentarem.

Significa muito para os marisqueiros e marisqueiras irem ao manguê para a coleta dos mariscos, pois isso faz parte de sua cultura, que lhes foi ensinada por seus pais e agora a transmitem a seus filhos e netos.

## QUANTO VALE A FLOR?

*Adelly Cardoso de Araujo Fagundes*  
Pós-graduação em Botânica (doutorado)

Quando vale a flor?  
Pra quem compra, é uma sensação  
Beleza, cor e paixão.  
Quanto vale a flor?  
Pra quem vende, é uma provisão  
Produto, comércio e expressão.

Quanto vale a flor?  
Pra abelha, é uma atração  
Comida, odor e manutenção.  
Quanto vale a flor?  
Pra terra, é renovação  
Colheita, fartura e reprodução.

Quanto vale a flor?  
Pro tempo, é uma estação  
Efêmero, estético e sincronização.  
Quanto vale a flor?  
Pra luz, é reflexão  
Espectro, fisiologia e relação.

Pra planta, é tudo  
Uma aposta sexual, na tentativa de continuação.  
É sensação, provisão, atração, renovação,  
estação, reflexão e todos os outros “ção” do português.  
E pra você,  
Quanto vale uma flor?

## DIVERSIDADE DE UM MOMENTO

*Roberta Ramos Maia*

Bacharelada em Ciências Biológicas

No disparo de uma câmera  
A captura de um momento  
Simples e detalhado  
Que diz sobre o trabalho  
De quem tem muito conhecimento

Com um sorriso meio tímido  
Dona Ana segura a casca do coqueiro  
Que pode trazer o sustento da família  
Ou ser o combustível para o lenheiro

Essa casca é resistente  
Como a força dessa gente  
Que produz diariamente  
Artesanatos diferentes

Luminária  
Arranjo  
Ou obra de arte  
São tantas possibilidades  
Que não para por aí

Podendo até ser descartado  
Mas com muita praticidade  
Na planta, a diversidade  
Para um material com tanta versatilidade.

## MINHA TERRA

*Marilane da Luz Silva*

Bacharelanda em Ciências Biológicas

Mais um dia abro os olhos  
Para que eu possa ver  
O lugar ao qual pertenço  
No campo me vi crescer  
Se der saudade choro  
Se distante fico, não demoro  
É aqui que gosto de viver

Num pulo fico de pé  
Com a aurora a acordar  
Dona Lourdes e seu José  
Na labuta já estão  
Depois do beiju com café  
Põem-se, com fé  
A roça a capinar

À beira da plantação me coloco  
Não posso atrapalhar  
Se pedem água, já volto  
Em casa vou buscar  
E nessa ida e vinda eu aprendo  
Que do grande ao pequeno  
Sempre podemos ajudar

“Linda é a vida no campo”,  
Muitas vezes ouvimos dizer  
Mas te previno de espanto

Quando te faço saber  
Que é das mãos calejadas  
E do cabo da enxada  
Que vem o sobreviver

Tenho amigos variados  
De humanos a animais  
Trato todos com respeito  
Pra mim são todos iguais  
Mas uma coisa é diferente  
Muito melhor que a gente  
Da natureza cuidam mais

Minha terra é minha escola  
Todo dia há algo para aprender  
Pouco a pouco encho a sacola  
Com mais um novo saber  
E assim vou me formando  
Da minha terra um graduando  
Ahh, é aqui que gosto de viver.

## PALMAS NO SERTÃO

*Leilane Velasques Tavares*

Bacharelanda em Ciências Biológicas

Cultivar no sertão  
É difícil a missão  
Solo seco e pouca água  
Quase não brota nada

Plantar palma neste chão  
Se tornou solução  
Alimento perfeito  
Neste solo bem seco

Sol estridente cedo radia  
Mas antes que amanheça o dia  
O sertanejo se levanta

E da palma colhe a esperança  
Pra seu rebanho alimentar  
Desta palma semeada  
Muitos frutos vão brotar

Deste chão seco brota esperança  
Na terra seca fruto virá  
Esperança que caia chuva  
Pra este solo molhar  
E encher todos os açudes  
Florescendo este lugar

## O JARDIM DAS MARGARIDAS TRISTES

*Bruno Moreira de Souza*

Pós-graduação em Botânica (mestrado)

Subindo a ladeira das Gameleiras, como era chamada a ladeira que ia do Residencial Amêndoas até o prédio de dona Begônia, próximo a galeria Flor de Mandacaru, havia uma pequena casa com um muro branco com manchas amareladas e um portão de madeira pintado em azul, com partes onde a tinta já fora corroída pelo tempo. Ocultada pelos prédios e lojas, a pequena casa parecia sufocada pela aparência urbana de Roseiral.

Aquela pequena casa parecia retirada das páginas de um dos livros que estão empoeirados nas prateleiras da biblioteca da faculdade. Folhiei um uma vez e vi casas semelhantes àquela (será que alguém ainda lê aqueles livros?), ou de algumas séries de época, as quais estão disponíveis nos aplicativos de *streaming*.

Parei-me em frente à casa e fiquei me perguntando se ainda reside alguém ali, o que de certo sim, pois ainda não foi demolida para a construção de alguma loja (já que a ladeira das Gameleiras é uma rua comercial), e também pelo fato de que as plantas que estão dispostas ao lado de dentro do muro estão sempre verdes e bem cuidadas, quase sempre exibindo flores de cores variadas e radiantes, além de que volta e meia aparecem podados os ramos que perpassam o muro em direção à rua.

Ao chegar em casa, perguntei a minha mãe quem morava naquela casa tão misteriosa que naquele dia me chamou a atenção e ela disse que era uma velha bruxa que havia sido abandonada à própria sorte, a “bruxa da Gameleira”.

Voltei a passar mais vezes por lá até que um dia me deparo com uma senhora enrugada e com aspecto triste e solitária, usando um vestido azul florido e o cabelo preso, com uma pequena tesoura de poda colhendo justamente aqueles ramos que insistiam em crescer para o lado externo do muro. Rapidamente lembrei da minha mãe dizendo que era uma bruxa e

logo arrepiei-me: será que ela realmente é uma bruxa? E por que ela vivia no centro da cidade e não na floresta, como nos filmes e séries?

Criei coragem e me aproximei da senhora, cumprimentando-a com um “Boa tarde” e ela, um tanto surpresa, apenas olhou para mim e acenou com a cabeça, voltando-se a sua atividade. Mesmo tendo nascido e crescido na metrópole de Roseiral, perguntei se ela sabia onde ficava o supermercado Lírios e ela me respondeu indicando as ruas onde eu teria que seguir, mas sem expressar nenhuma outra reação.

Ainda mais curioso sobre aquela velha senhora, perguntei quais plantas eram aquelas que ela estava cortando e ela, novamente sem nenhuma forma de expressão, respondeu: “— Canela”. “— A canela do pó?”, questionei-a rapidamente. Fazendo uma pausa, ela afirmou com a cabeça. Achei curioso, pois nunca havia visto aquela planta, mas já havia consumido a canela em pó, no arroz-doce que a minha avó fazia. Tudo naquela cena me intrigava. Como assim o pó da canela vinha daquela planta? A canela não é algum produto químico?

Para quebrar o silêncio que se instaurou, perguntei se ela gostava de arroz-doce (me senti um idiota falando isso, mas não sabia o que falar, porém não poderia perder a oportunidade de conversar com a “bruxa”). Ela, esboçando um leve sorriso de canto, novamente afirmou com a cabeça. Me senti feliz com a reação dela e comentei com ela que amava arroz-doce e então ela falou que os netos também gostavam. No desenrolar da conversa, ela me contou que toda sua família havia se mudado no decorrer da urbanização da cidade e que ela se negava a deixar sua casa. Mas qual a origem da fama de “bruxa da Gameleira”?

Perguntei sobre as plantas e ela, mostrando-se um pouco surpresa pelo meu interesse, me convidou a entrar para olhar pessoalmente. Havia uma grande variedade de plantas, de todas as proporções, com folhas e flores de diferentes tamanhos, formas e cores. Próximo às plantas havia diversos potes de vidros e garrafas. Pensei nas poções das bruxas, mas aquela ideia muito me intrigava. Em um dado momento, peguei uma garrafa com uma substância escura e espessa, semelhante ao mel, a qual exalava um cheiro forte e amargo; evitei o cheiro, pois temia virar um sapo ou algum outro animal o qual as bruxas costumam transformar as pessoas. Ela riu e eu gelei.

“— É uma garrafada de ervas para gripe” — disse ela, ainda rindo. E eu tomado pela curiosidade, perguntei se ela quem havia preparado e por

quê ela simplesmente não ia na farmácia e comprava um Multigrip. Foi então que ela, apontando-me uma cadeira, sentou-se em um banquinho e começou a me contar sua história.

Disse-me que há muitos anos, quando Roseiral ainda era um povoado, sem lojas, sem prédios, sem farmácias, as pessoas utilizavam-se amplamente das plantas para todos os males que os afligissem, desde chás, calmantes e até para tratamento e recuperação de feridas, em forma de banhos, garrafadas, benzimentos; apenas com o uso das plantas as pessoas conseguiam se manter saudáveis, e ela (a bruxa da Gameleira) era uma pessoa muito solicitada por todos da comunidade, pois ela detinha de muito conhecimento sobre as plantas, quais usar, como usar, quando usar. Desde muito novinha ela era benzedeira, parteira e curandeira, mesmo sem nem haver terminado o ensino fundamental. Mas com o avanço da urbanização, as pessoas começaram a buscar cada vez mais os produtos divulgados nas mídias, produtos industrializados, artificiais e químicos, e aos poucos dona Margarida (esse era seu nome), foi sendo cada vez menos procurada, as pessoas perderam a crença em seus produtos e até a questionavam, riam, duvidavam. Os mais idosos que ainda se utilizavam dos serviços de dona Margarida foram morrendo ou se mudaram para outros lugares, ao passo que as empresas foram dominando a pequena vila de Roseiral.

Dona Margarida, relutante em abandonar sua casa e seus costumes, ficou “parada” no tempo. Não que ela duvidasse dos produtos industrializados, mas ela sabe que o seu conhecimento é valioso demais e muito útil para ser esquecido, e sua tristeza aparente não é nem pela solidão, mas pelo desprezo de suas informações, as quais foram muito úteis por tantos anos e que hoje parecem não ter nenhum valor, uma vez que é muito mais cômodo ir à farmácia e comprar um remédio do que colher alguma planta e fazer um chá.

Ela é a lembrança viva de uma cultura perdida, de hábitos “antigos” (porém eficazes), silenciada e incompreendida. Os mais velhos a questionam, os mais novos a temem. Para onde irá todo aquele conhecimento quando dona Margarida deixar esse plano? A única lembrança que restará dela é a fama de “bruxa”? Um título deturpado e tirado de contexto, uma vez que dona Margarida era vida no povoado, era cura e benção. Eram tantas perguntas que me vinham à cabeça, não conseguia compreender todos os fatos. No fundo, eu estava feliz; feliz por conhecê-la; feliz por descobrir

essa vasta utilização das plantas. Feliz por ela ter se aberto e por ver como podem ser tão ricas e diferentes as culturas (além da cultura urbana a qual eu era totalmente imerso), e as transformações que ocorrem nas sociedades humanas nas diferentes épocas. Mas ao mesmo tempo lembrei do quanto o tempo pode ser cruel e quantas outras Margaridas foram podadas na estruturação desse jardim chamado “progresso”.

## O CARANGUEJO NO CÉU

*Flávio Barboza Sobreira*

Licenciando em Ciências Biológicas

Mulher, que demonstra força e delicadeza,  
assim como Hera, deusa grega e da realeza,  
vê no caranguejo o poder da natureza.  
E embora os carregue em suas mãos  
em uma rede que ela mesma tecera,  
sabe todas as dificuldades que a acometera.  
Mas em seu sorriso exhibe a gratidão  
De saber que os caranguejos serão  
A fonte de renda, da bebida e do pão  
Não só pra ela, mas também pro seu irmão.  
E ele, contente de ser seu aprendiz,  
Agradece a sua irmã, olha para as estrelas e diz:  
“Vejo no céu a forma de um caranguejo e me sinto feliz.”

## O HOMEM E O BOI

*Washington Cerqueira Dias*

Bacharelado em Ciências Biológicas

Meu avó tinha um Chevette tubarão marrom. Em uma viagem ao sertão da Bahia ficamos admirados com um homem que vimos na praça de uma cidadezinha, montado em um boi manso.

Existem lendas, contos, mas essa é real. Trata-se da história de um homem que dominava os mais bravos dos bois, nascido e criado em fazenda, no meio do sertão nordestino, de pai mulato e mãe cafuza. Tinha os olhos profundos e vivos, rosto enrugado pelas marcas do sol, pele queimada, quase sem expressões faciais visíveis. Não se sabia se ria ou se estava em rancor. Homem bem vivido pela aparência, mas não se sabe se 30 ou 40 e poucos anos, no auge de sua robustez. Filhos? Teve um, mas nunca o viu, pois fora levado para Salvador pela mãe, para a casa de um padrinho para poder estudar.

Era um homem simples, honesto, sem muitos amigos. Vivia de vender suas mercadorias na feira livre da pracinha. Dizem que esse homem, acostumado com a lida, certa vez encontrou um bezerro a quem se apegou pela sua doçura e mansidão. Comprou na mão de um fazendeiro. O bezerro era magrinho, pequeno, desnutrido. O fazendeiro o vendeu achando que não escaparia, mas ele foi bem cuidado, recebeu leite e foi vermifugado.

Como todo vaqueiro, o homem não tinha o costume de se apegar ao bicho. “Bicho é bicho”, ele dizia. “Não por nome para não me apegar; logo na panela ele estará”. Mas aquele bezerrinho era diferente e tocara o coração do valente. Ele logo o domesticou, o amansou, pôs uma argola em seu nariz (para lhe “quebrar a força”). Devagarinho e dia após dia, ele foi construindo uma amizade e conquistando a confiança do “Nuvem Branca” — o chamou assim porque era um nelore. Daí foi pouco tempo até estar montado nele. Agora não mais bezerro; já era um garrote, que breve seria um touro.

Em seus cofos ele levava a produção de sua propriedade para vender na praça: queijo, banana, abacate, leite e charque. O touro parecia estar feliz, passeando e chamando atenção por onde passava. Era um animal de estimação e sua montaria havia se tornado segura e confortável.

O tempo passava, o boi crescia e o homem se apegava. Nuvem Branca engordava e os fazendeiros para ele olhavam. Até que em um certo verão, as coisas apertaram, a seca assolou, o leite secou, a terra não deu, as dívidas aumentaram. O vaqueiro não via outra solução a não ser vender seu amigão. Já estava decidido, era isso. Ou chovia ou seria essa a sua atuação. Aquele homem de duras expressões estava amolecido.

No dia da negociação, não se notou a lágrima que escorria do olho do boi. Ele que já tinha carregado, ajudado e servido aquele homem. Aquela parecia ser sua última caminhada juntos, de tantas caminhadas, seria o último sacrifício, feito docilmente para ajudar seu amigo.

Naquela tarde choveu como nunca tinha chovido: raios, trovões, ventos. Não sei o que aconteceu. Nunca mais vimos o homem, nem se ele vendera ou não o seu boi amigo. E se vendeu? Recuperou? Nunca saberemos. O que fica é a imagem de um Boi e seu Amigo.

## LENDA DA RAIZ-FORMOSA

*Maria Thereza Dantas Gomes*

Pós-graduação em Botânica (doutorado)

Conta-se que em um pequeno vilarejo viviam Luísa e Edgar, um casal de agricultores recém casados que cultivavam algumas hortaliças. A Luíza amava cultivar cenouras, aquilo era uma de suas paixões, pois ela sempre dizia que as folhas se pareciam com seus cabelos longos e ondulados.

Um certo dia, Luíza acordou muito fraca e com muita tosse, deixando Edgar muito preocupado e conseqüentemente sem tempo e entusiasmo para cuidar do plantio. Os dias foram passando e Luíza estava cada vez mais debilitada. Até que em uma manhã de domingo ela veio a falecer por completo em decorrência de uma pneumonia. Edgar não se conformava em perder sua fiel e única companheira, chorava dia após dia entrando em uma profunda depressão. Meses se passaram e seu quintal que era cheio de vida e grandes canteiros de hortaliças, logo foi se tornando um cenário de abandono e sem vigor.

Foi em um fim de tarde que Edgar decidiu retomar seu cultivo como uma forma de descontração, no entanto, sempre que se aproximava do canteiro das cenouras ele chorava por lembrar da sua amada esposa, até que em um determinado dia enquanto plantava algumas sementes de cenoura, suas lágrimas juntamente com a água que regava caíram sobre o solo que resguardava aquelas sementes, que futuramente deu origem a belíssimos canteiros de cenouras, com folhas cheias de vigor que cada vez mais se pareciam com as madeixas da sua amada.

Nesse mesmo dia, quando caiu a noite, Edgar já deitado para dormir escutou vindo do lado de fora uma bela canção que era cantada por uma vez feminina, ao mesmo tempo ele escutava passos de dança e risadas. Logo ele pensou ser sua esposa que veio lhe fazer uma visita do além, porém, ao se aproximar do quintal não acreditou no que viu, e sim, ele viu uma raiz gigantesca formando uma silhueta feminina despida, com folhas que se

transformavam em cabelos cheios e longos e voavam a cada passo de dança que realizava. Edgar não sentiu medo algum, e sim vislumbre, pois nunca havia enxergado algo tão estranho e lindo ao mesmo tempo.

No dia seguinte ele encontrou sua mesa da cozinha com todas as cenouras do canteiro dentro de uma cesta, assim como sua esposa fazia todas as manhãs. Edgar estava muito feliz, pois pela primeira vez depois que sua esposa havia falecido ele sentiu que não estava sozinho, e assim foi todas as noites em que as cenouras estavam prontas para a colheita, uma grande raiz em forma de mulher cantarolava e dançava por todo o quintal enquanto colhia as cenouras, e Edgar sempre a assistia com entusiasmo.

Reza a lenda, que nesta mesma região onde vivem muitas famílias de agricultores, se estes não realizarem a colheita no dia certo e antes do anoitecer, a grande raiz em forma de mulher irá aparecer para cantar e dançar enquanto colhe tudo. No entanto, diz-se que não podemos deixar que ela nos veja, pois caso contrário ela irá nos colher juntamente com as cenouras.

# MARISQUEIRA

*Monyque da Silva Costa*  
Bacharelada em Ciências Biológicas

Lá vem a marisqueira  
Com um brilho no olhar  
Para iniciar mais uma jornada  
Quando a maré baixar

Com seu balde na mão  
A guerreira se dirige ao mar  
Agachada, escavando  
Até marisco encontrar

Após horas à beira mar  
A marisqueira a sua casa retornará  
Orgulhosa do seu trabalho árduo  
Com a certeza de que seu sustento, garantirá

Ao chegar em casa,  
Quem diz que a mulher vai descansar?  
Vai cozinhar os mariscos  
Para sua família alimentar  
E, também, vendê-los  
Para contribuir com o lucro familiar

Após horas e horas na cozinha  
A guerreira vai descansar  
Para no outro dia, bem cedo,  
Uma nova jornada iniciar

Eh mulher batalhadora  
Seu trabalho merece tanto reconhecimento  
Que nem um mundo inteiro consegue expressar.

## O CANTO DAS FIANDEIRAS

*Karla Janaina dos Santos Vitória*  
Bacharelada em Ciências Biológicas

Do linho começo a fiar a linha que vai para o mar. Com ela tranço a rede que coloco em alto mar. Com o linho começo a enrolar e o bambu ajuda a firmar, mas antes de trançar o fio deve secar, assim a corda não irá enrolar. Depois de seca, começamos a trançar, uma de cada vez, um nó a cada trança até a rede se formar.

Foi Mãe do mar que nos ensinou a trançar e cada nó amarrar. Foi ela quem nos mostrou onde pescar. Para a rede enfim eu terminar, um canto devo entoar:

Venham moças aprender a trançar a linha que vai para o mar,  
Com ela se faz a rede que o sustento nos dará.  
Venham também as mais novinhas para poder praticar  
A tradição que vão lhes passar,  
E assim um dia no mar poder entrar.  
Venham também as mais velhas  
Ajudar as pequenas a fiar  
Ensine-as os nós amarrar,  
Para as redes não se soltar.  
E as mais velhas não se esqueçam de ensinar,  
que antes de entrar no mar, pedir licença a Iemanjá,  
Pois é ela que vem nos abençoar  
E dá a fartura que vem do mar.  
Venham moças aprender  
A fiar as redes que vão para o mar  
Foi nossa mãe Iemanjá que nos ensinou a pescar  
E as redes trançar.

## JOÃO E O GALO VERMELHINHO

*Ericca Maria Teles Lôbo Evangelista*  
Bacharelada em Ciências Biológicas

Era uma vez um pequeno fazendeiro chamado João que morava em uma pequena fazenda no interior da Bahia, onde planta milho juntamente com sua família, que herdou do avô, que herdou do bisavô e assim por diante. Seu bisavô um dia lhe dissera que lá já plantaram cana-de-açúcar há muitos anos.

João tinha uma rotina que seguia todos os dias. Seu dia começava de manhã cedo. Ele acordava antes do nascer do sol e ia para o celeiro cuidar dos animais. Ele alimentava suas vacas, ordenhava-as e coletava os ovos de suas galinhas. Depois disso, ele verificava suas plantações e as regava, se necessário. Uma vez que suas tarefas matinais estivessem concluídas, João voltava para sua casa de fazenda para o café da manhã. Ele desfrutava de uma refeição farta composta de ovos frescos, pão na chapa de ferro e café antes de voltar ao trabalho. O resto do dia de João é gasto cuidando de sua fazenda. Ele conserta cercas, limpa o celeiro e cuida de qualquer animal doente.

João cuidava muito bem de sua fazenda e tinha orgulho do trabalho que fazia. Perto da noite, João voltava para casa para se preparar para o evento, afinal ele mesmo sediava as brigas de galos com os amigos. Ele escolhia o galo da vez, pois havia muitos, e se sentava na varanda esperando por seus amigos com seus galos à mão. Assim que chegavam, começavam a organizar quais galos iriam brigar entre si. João geralmente ganhava todas as brigas com seu time de galos de rinha. Com isso levava algumas moedas apostadas pelos amigos, que nunca apostavam mais que moedas, afinal João sempre ganhava. Às vezes, ele convidava os meninos para um churrasco com o galo perdedor e comiam juntos.

O dia de João começara de manhã cedo como sempre, apesar de não saber que seria um dia diferente. Ele acordou antes de o nascer do sol e

foi para o celeiro cuidar dos animais. Ele alimentou suas vacas, ordenhou-as e coletou os ovos de suas galinhas, mas ele se distraiu e o cesto quase caiu quando uma das galinhas passou correndo e acabou esquecendo de um dos ninhos. Depois disso, ele continuou sua rotina diária. Os dias se passaram e João finalmente apercebeu daquele ninho que tinha esquecido, mas nesse ponto já era muito tarde, pois breve ele teria novos membros na sua fazenda e sua história iria mudar a ponto de recomeçar.

\* \* \*

Era uma vez um jovem fazendeiro chamado João, que tinha um galo chamado Vermelhinho. Ele era uma ave magnífica, com penas brilhantes e um comportamento orgulhoso. João criou Vermelhinho desde filhote e passou a gostar dele com o tempo e com isso parou de sediar as rinhas de galos com os amigos. Já não via sentido em fazer aquilo, pois seu galo favorito era muito bonito pra arriscar se ferir.

João e Vermelhinho tinham uma rotina que seguiam todos os dias. O dia de João e Vermelhinho começava de manhã cedo. Vermelhinho acordava antes de o nascer do sol, ia pra janela de João cantar, o que fazia seu dono sempre acordar com um susto, mas ao reconhecer o canto começava a rir e iam para o celeiro cuidar dos animais. Ele alimentava suas vacas, ordenhava-as e coletava os ovos de suas galinhas. Depois disso, ele verificava suas plantações e as regava, se necessário. Uma vez que suas tarefas matinais estivessem concluídas, João e Vermelhinho voltavam para a casa de fazenda para o café da manhã. Eles desfrutavam de uma refeição farta composta de ovos frescos, pão na chapa de ferro e café, para o João, e uma tigela de milho para Vermelhinho, antes de voltarem ao trabalho.

O resto do dia de João seria gasto cuidando de sua fazenda, sempre acompanhado de Vermelhinho. No fim do dia João e Vermelhinho voltavam para a casa de fazenda para relaxar. Eles se sentavam na varanda, lado a lado, se olhavam e viam o sol se por. Às vezes, João convidava os vizinhos para uma noite de milho assado e todos comiam juntos, inclusive Vermelhinho.

No entanto, a família de João começou a ter problemas com sua plantação de milho e começou a passar por momentos difíceis. Estavam

lutando para sobreviver. Eles sabiam que tinham que fazer algumas escolhas difíceis para manterem a fazenda funcionando, e aos poucos começaram a vender as vacas, as galinhas, todos os animais, menos o Vermelhinho. Para tentar complementar a renda e ajudar a família, João começou a levar Vermelhinho em rinhas de galo. Agora já maior, ele não iria mais ficar apenas competindo com seus amigos; agora ele podia colocar seu galo para brigar em rinhas maiores, com apostas maiores. Vermelhinho era tão bom que em muitas lutas não perdia nem uma pena. Ele era muito rápido e ágil, parecendo que sabia exatamente o que fazer antes mesmo de o João falar.

Esse novo plano do João ajudou a família, mas ainda não era o suficiente para salvar a fazenda, ainda mais agora que precisavam de equipamentos novos. Um dia, um empresário local que participava das rinhas o abordou e se ofereceu para comprar Vermelhinho por uma quantia significativa de dinheiro, tanto dinheiro que resolveria todos os problemas da fazenda e ainda sobraria. João estava dividido. Por um lado, ele precisava do dinheiro para manter a propriedade funcionando. Por outro lado, Vermelhinho era como um membro da família e não queria deixá-lo ir, mas depois de muito pensar, João decidiu vender Vermelhinho para o empresário.

O empresário levou Vermelhinho para sua fazenda, onde o apresentou ao seu rebanho de galinhas. Vermelhinho inicialmente hesitou, mas logo percebeu que estava em um bom lugar. As galinhas eram amigáveis e o fazendeiro o tratava bem. Meses se passaram e João ainda estava lutando com sua fazenda. No entanto, ele ouviu que Vermelhinho estava indo bem e até ganhou alguns torneios de briga de galos. João não pôde deixar de sentir uma pontada de arrependimento por vender seu amado amigo, mas sabia que era o melhor. Só que o galináceo nunca saía de sua mente e ele passou anos procurando o empresário para propor que lhe vendesse Vermelhinho. Até que um dia o encontrou. Não o mesmo Vermelhinho, mas ainda o teve por breves momentos.

O empresário lhe contou que Vermelhinho já não ganhava uma rinha há tempos, talvez pela idade, talvez pela saudade, mas não importava. Naquele ponto era só um prejuízo e por isso deixou que João o levasse. No final, João decidiu enterrar Vermelhinho na fazenda, perto do local onde ele costumava ciscar. Ele ergueu um pequeno memorial para o galo, com uma placa que dizia: “Aqui jaz Vermelhinho, o melhor galo que um homem poderia desejar.”

João, agora adulto, continuou a administrar a fazenda, que nunca foi a mesma sem Vermelhinho. Todas as manhãs, ele acordava e se lembrava do canto imponente do galo e sorria para si mesmo, pensando nos bons momentos que haviam compartilhado.

**E-book**

ETNOBIOLOGIA EM CONTOS E VERSOS:  
REGISTROS DE UMA ATIVIDADE DIDÁTICA

Este livro foi composto no formato 17,0 x 24,0 cm, fonte  
Adobe Garamond Pro (texto principal e títulos), em agosto de 2023.

